

A "PEDRA DA FIGURA" EM TAQUARITINGA DO NORTE (PE)

Gabriela Martin
Alice Aguiar
Paulo Tadeu
Plínio Victor

da Universidade Federal de Pernambuco

O registro de pinturas rupestres no Brasil é antigo. Vem da época colonial e já nos "Diálogos das Grandezas do Brasil", escrito em 1598, aparece, seguramente, a primeira referência histórica desta arte indígena. Posteriormente, alguns autores citaram a arte parietal brasileira, em imaginosos trabalhos que identificavam as pinturas indígenas como escritas antigas e testemunho de passadas civilizações. No nosso século, as referências são quase sempre citações esparsas, publicações de alguns desenhos isolados e notícias incompletas. Até poucos anos atrás, os estudos sobre a arte rupestre da região nordestina tendiam a identificá-la como obra de habitantes históricos indígenas ou seus ascendentes, pela total impossibilidade de se relacionar essa arte com culturas indígenas específicas. Na verdade e apesar das numerosas notícias aparecidas em jornais e revistas não especializadas, poucos foram os trabalhos publicados até hoje. Destacam-se sobre esse tema, os estudos no SW do Piauí, de N. Guidon (1975), um outro sobre os Cariris Velhos da Paraíba (Ruth de Almeida, 1979) e os trabalhos de Calderón (1970) na Bahia. Vale destacar, entretanto, que foram os estudos sistemá-

ticos levados a cabo pela missão franco-brasileira no Piauí, chefiada por N. Guidon, que estabeleceram uma metodologia e nomenclatura própria da região nordestina, hoje imprescindível para posteriores pesquisas no Nordeste. O estudo científico de mais de 200 sítios com pinturas, muitos deles factíveis de serem escavados e datados, demonstraram a existência de uma tradição cultural de caçadores que habitavam o SW do Piauí e que pintavam nas rochas e abrigos com determinadas características e estilos próprios, aos quais Niede Guidón chamou de "Tradição Nordeste", subdividida em vários estilos e sub-tradições tais como Várzea Grande, Caracol, Serra Branca, Serra Nova, etc., atendendo à localização geográfica dos abrigos e as características mais marcantes dos desenhos. Alguns dos abrigos, datados pelo C14, obtiveram datas inesperadamente recuadas. O Sítio do Meio ofereceu datação de 12200 ± 600 anos antes do presente; O Sítio do Bojo I, 9700 ± 200 AP. Outras datações da região, também no Município de São Raimundo Nonato, no Piauí, chegaram em torno de 8000 AP, e dos últimos resultados obtidos, ainda em estudo, suspeita-se de datações abaixo de 13.000 anos. Essas descobertas foram revolucionárias em termos cronológicos e em poucos anos, as pinturas rupestres do Brasil deixaram de ser consideradas simples "ludus hominis" de índios desocupados como dizia, levemente, o francês Brunet, e destacaram-se como manifestação cultural de caçadores arcáicos tão antigos como os artistas paleolíticas da região cantábrica franco-espanhola ou do Levante espanhol.

Os trabalhos da missão arqueológica franco-brasileira no Piauí, assentaram bases para pesquisas sistemáticas em outras regiões do Nordeste onde se poderá estudar a extensão da chamada "Tradição Nordeste" pré-histórica e também em outras regiões brasileiras até onde se possa assinalar sua presença. Iniciadas nossas pesquisas em Pernambuco e no Rio Grande do Norte, contamos com a colaboração da Universidade Regional de Mossoró, na pessoa da Pró-Reitora Professora Salomé e dos arqueólogos Tom Miller e Vicente Ciancotti do Museu Câmara Cascudo de Natal. Na Paraíba, os trabalhos de Ruth de Almeida, poderão completar o quadro geral do projeto.

A pesquisa arqueológica no Brasil, particularmente no Nordeste, padece de um grave defeito que consiste na dificuldade de publicação dos resultados completos obtidos. O trabalho de campo e de laboratório, já bastante oneroso, encarece-se com a publicação dos resultados que, geralmente, tardam em aparecer, especialmente no caso de grandes pesquisas, que exigem muitas páginas. Por essas razões, o Núcleo de Arqueologia do Mestrado em História resolveu publicar mesmo em forma de notícia prévia cada sítio pesquisado sem prejuízo da publicação global das pesquisas e também programou a edição dos resultados finais num "Corpus" da arte rupestre da região. Dessa forma, pretende-se dar a conhecer aos colegas, notícias imediatas de uma região quase desconhecida no contexto arqueológico brasileiro.

Nosso plano de trabalho em Pernambuco consiste, principalmente, no levantamento da arte rupestre de todo o Estado e na elaboração de sua Carta Arqueológica. Dividiu-se o Estado em áreas de pesquisa, seguindo-se as quadrículas do mapa do Nordeste elaboradas pela Sudene, na escala 1/50.000. Participam também do trabalho de campo, professores dos Departamentos de Geologia e de Geografia da UFPe.

A técnica seguida para o levantamento das pinturas é a mesma utilizada pela maioria dos arqueólogos brasileiros e que consiste na divisão do abrigo em painéis, aplicação de plásticos para calcar os desenhos com lápis para retro-projetor; fotografias em preto e branco e slides em cores. Para as fichas de sítios e de fotografias utilizamos as mesmas da missão franco-brasileira no Piauí. Como ficha estatística e de registro de figuras, utilizamos as do Instituto Goiano de Arqueologia por parecer-nos as mais simples.

As quadrículas geográficas de Taquaritinga do Norte, encontram-se ainda em elaboração na Sudene, porém, resolvemos pesquisar a área porque o topônimo era sugestivo sob ponto de vista arqueológico, além de que, suas formações geológicas interessantes sugerem a ocorrência de pinturas, numa área que enquadra, também, Brejo da Madre de Deus, Fazenda Nova e Santa Cruz do Capibaribe.

Taquaritinga do Norte.

Situada a 150 km. do Recife (PE) entre as coordenadas 7° 45' e 8° de latitude Sul, 38° e 36°30' de longitude W de Greenwich e uma altura em torno dos 800 metros, o município possui clima predominantemente semi-árido com maior umidade nos trechos de brejos. Na parte Leste chove mais regularmente e no Oeste o regime pluviométrico é mais irregular, com clima mais seco. A temperatura é amena, com invernos frescos, podendo chegar até 8° centígrados nos meses de junho e julho. A vegetação predominante é a caatinga com plantas xerófilas, caducifolias, enquanto que o brejo, apresenta vegetação arbustiva perenifolia, onde são cultivadas a laranja e o café.

Os rios são de regime intermitente a exceção do Capibaribe que corre na área em direção W-E.

A formação geológica é complexa apresentando dois aspectos marcantes (A.N. Sial e E.A. Menor, 1969); onde aflora o micaxisto com aspecto característico areno-argiloso, o relevo é suave; noutros trechos, onde afloram rochas de caráter ácido como granitos, grano-dioritos e calco-silicatas, o relevo é proeminente e acidentado. Os granitos de granulação média e grossa e coloração acinzentada, constituem importantes intrusões que pelo efeito da erosão nas rochas mais brandas circundantes, emergem na forma de grandes monolitos arredondados onde não é raro se achar pinturas rupestres e outros restos de ocupação indígena como é o caso do sítio a "Pedra da Figura".

Acha-se este sítio na Fazenda Boa Vista, propriedade do Sr. Jaime Cordeiro, situada a uns dez km. da cidade de Taquaritinga do Norte, à esquerda da estrada de Vertentes. Situado a uns 300 metros da casa da fazenda, pode ser atingido por caminho de fácil acesso onde grandes blocos de granito de dez metros de altura afloram sobre a vegetação arbustiva fechada. Quando, em 1975, descobrimos o sítio, com a ajuda do Pe. Aragão, vigário de Taquaritinga, o local estava escondido por mato denso que dificultava o acesso e de certa forma o protegia; porém, três anos depois estava transformado em lugar de romaria limpo de mato e nele foram construídos um altar e um cruzeiro em frente ao painel principal estando, portanto, em perigo os desenhos, sobretudo pela presença de velas acesas em torno do conjunto.

A razão que nos leva a publicar este sítio em primeiro lugar, entre outros já pesquisados, é a evidência de que brevemente as pinturas terão desaparecido por completo. A rocha onde se desenvolvem os painéis esfolia-se com facilidade e este fenômeno unido a sua verticalidade, ajudou sem dúvida, ao desaparecimento de muitas pinturas, conservando-se apenas os painéis pintados em lugares mais protegidos, onde a inclinação da rocha as protege das intempéries. Fragmentos de rocha desprendidos, com restos de pintura, já demonstraram este fato.

A construção do altar com base de cimento, destruiu qualquer possibilidade de sondagem estratigráfica. Apenas no painel 2 existia área de refugio factível de ser escavada. Efetuamos uma sondagem de um metro quadrado, observando que, até 20cm. de profundidade, a terra aparecia estéril com apenas restos de caramujos e ossos de roedores atuais; por debaixo deste estrato superficial grande quantidade de pedras, seguramente conseqüência de desprendimentos da rocha, dificultavam o prosseguimento da sondagem, sendo preciso ampliar a área da escavação e instalar um acampamento para prosseguir as pesquisas. Fomos informados pelo nosso guia que, quando da construção do altar, fôra achada uma ossada humana e vários cachimbos de barro.

Dividimos a área com pinturas em três painéis, correspondentes a três afloramentos graníticos independentes. O painel n.º 1, onde se acumula número significativo de pinturas; painel n.º 2, com uma única figura antropomorfa; e o painel n.º 3, com um desenho esquemático isolado.

Painel 1.

Altura do abrigo	—	7,65 mts
Profundidade	—	5,50 mts
Largura	—	7,35 mts
Altura do painel	—	2,50 mts
Largura	—	4,50 mts

Desenhos em tinta vermelha com diferentes tonalidades do laranja ao vermelho escuro. Em alguns pontos os desenhos se superpõem, indicando, possivelmente duas fases da pintura. Uma ema de 1 metro de altura e cor vermelha clara, parece ter sido pintada posteriormente aos quelônios, já que se superpõe a um deles de tonalidade bem mais escura. Na totalidade aparecem neste painel 10 zoomorfos, bastante claros no desenho dos contornos, três marcas de mãos e vários desenhos esquemáticos, sem formar cenas. Não identificamos nenhum antropomorfo neste painel, se bem que a figura do pássaro (fig. 3) possa ser relacionada com a figura do homem-pássaro que, com pequenas variantes, aparece por grandes áreas do Brasil e que está a merecer estudo mais aprofundado. É de se registrar também o naturalismo de um dos quelônios (Fig. 4), que apresenta quatro dedos nos pés dianteiros e três nos traseiros. Na totalidade, o painel n.º 1 apresenta:

quelônios... 5
ornitomorfos..... 3
mãos 3
desenhos esquemáticos 8
(Figuras n.ºs 1 a 9).

Painel 2.

Altura do abrigo	10,20 mts
Largura	10,60 mts
Profundidade	2,50 mts
Altura do painel	2,00 mts
Largura do painel	2,50 mts
Tinta vermelha	

Figura de um antropomorfo estilizado, sem determinação do sexo; as mãos e os pés apresentam três dedos. Na parte superior do painel marca de duas mãos, já muito apagadas. (Figura n.º 11).

Painel 3.

Altura do abrigo	20 mts
Largura	9,50 mts
Profundidade	80 cm
Altura do painel	1 mt
Largura do painel	1 mt

Desenho esquemático cruciforme em tinta vermelha. (Figura n.º 12).

A fauna representada no sítio "Pedra da Figura" é toda atual. Os quelônios correspondem a lagartos de tamanho grande, chamados na região tejus e conhecidos como iguanas noutros países da América Latina. As emas, representadas em dois exemplares, uma grande e outra pequena — motivo aliás que se repete em outros sítios — estão hoje extintas na região, porém existiam ainda nos começos deste século.

A "Pedra de Figura" não representa um sítio isolado no contexto arqueológico da região. A serra de Taquaritinga, sobre a qual se encontra situada a cidade do mesmo nome, é continuação da cordilheira dos Cariris Velhos, na Paraíba. Nesta região, Ruth

de Almeida (1979) levantou 34 sítios com pinturas, cujas características principais aparecem na "Pedra da Figura" e também noutros sítios arqueológicos vizinhos, no Estado de Pernambuco por nós pesquisados. Dentro da "Tradição Nordeste", poderíamos já estabelecer um estilo ou sub-tradição "Cariris Velhos", cujos aspectos marcantes seriam: a) pinturas sobre matações de granito; b) acesso às pinturas relativamente fácil; c) predominância de desenhos isolados, sem formar cenas; d) maior número de zoomorfos que de antropomorfos; e) antropomorfos esquemáticos com escassas representações do sexo; f) marcas de mãos em "positivo", sempre na parte superior dos painéis.

A ausência de material cerâmico nas áreas das pinturas inclina a pensar em arte rupestre de caçadores pré-cerâmicos. Por outra parte, a escassez de material lítico e quase sempre ausência de refúgio arqueológico nas proximidades das pinturas, parece indicar que não se trata de sítios de habitações e sim de santuários de culto.

Continuamos nossas pesquisas na procura de sítios rupestres com possibilidades de escavação estratigráfica que nos possibilite a obtenção de datações.

Esta pesquisa foi realizada com auxílio do CNPq.

NOTAS

Almeida, Ruth Trindade de. A Arte rupestre nos Cariris Velhos. Ed. Universitária da 1979 UFPb, João Pessoa.

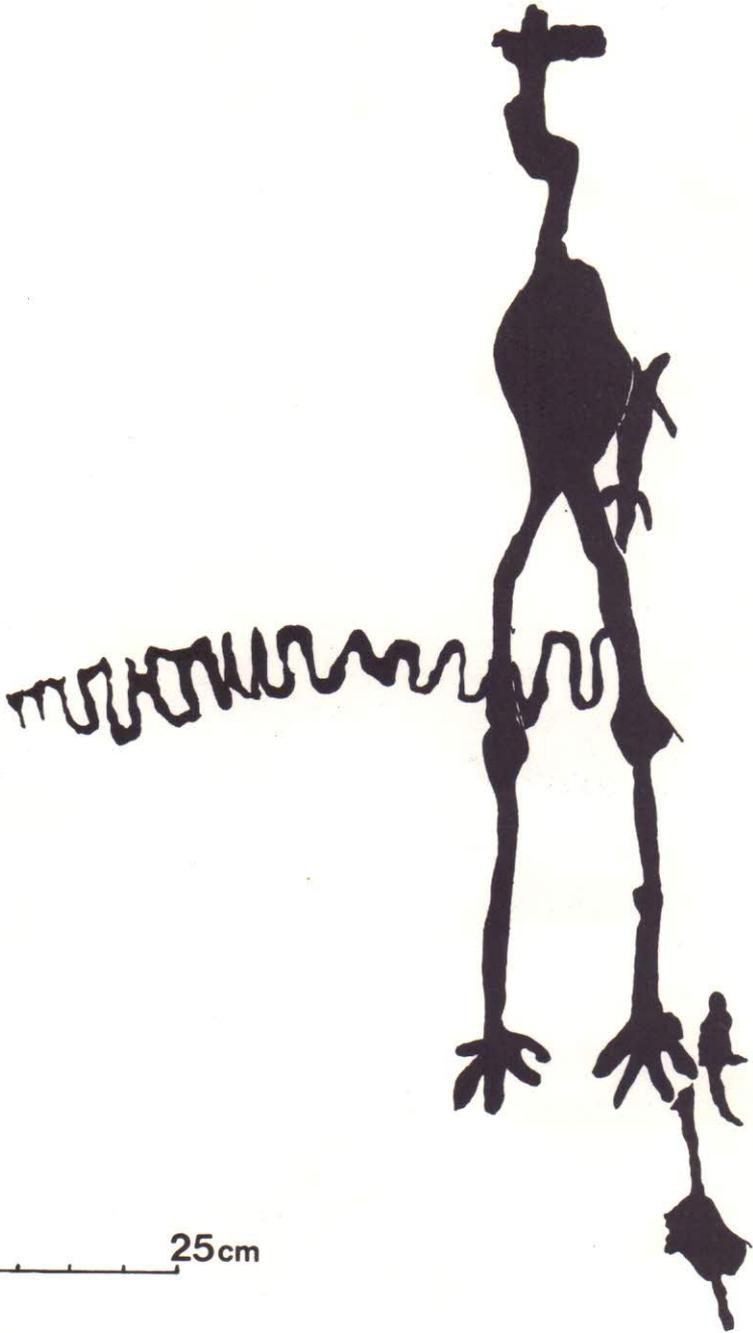
Calderón, Valentin. Nota prévia sobre fases da Arte rupestre no Estado da Bahia. "Universitas", Revista da Universidade Federal da Bahia, p.p. 5-17, Salvador. 1970

Guidon, Niede. Peintures rupestres de Varzea Grande, Piauí, Brésil. Cahiers d'Archeologie d'Amerique du Sud, n.º 3, E.H.E.S.S. Paris. 1975

Sial, Alcides Nóbrega, e Menor, Eldemar de Albuquerque. Geologia da Meia Quadrícula Sul de Taquaritinga do Norte. Instituto de Geociências, Departamento de Geologia da Universidade Federal de Pernambuco. Série Estudos e Pesquisas, n. 1 vol. 1 Recife. 1969



fig.1



0 25cm

fig.2



fig.3

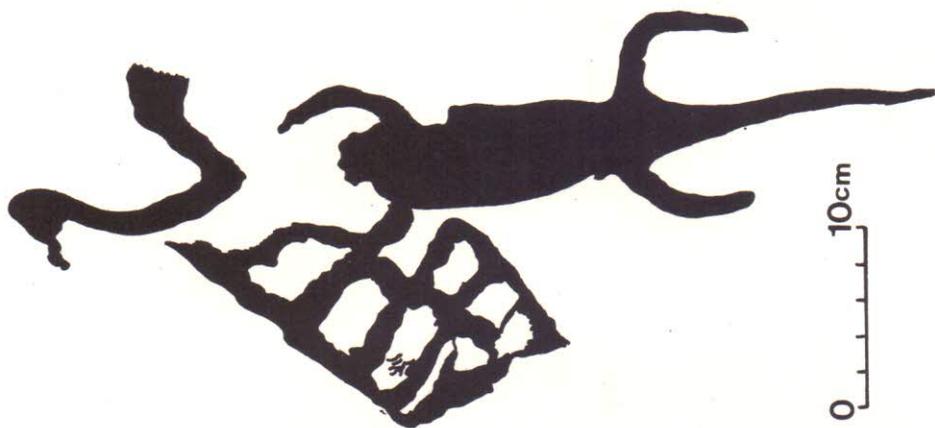


fig. 5

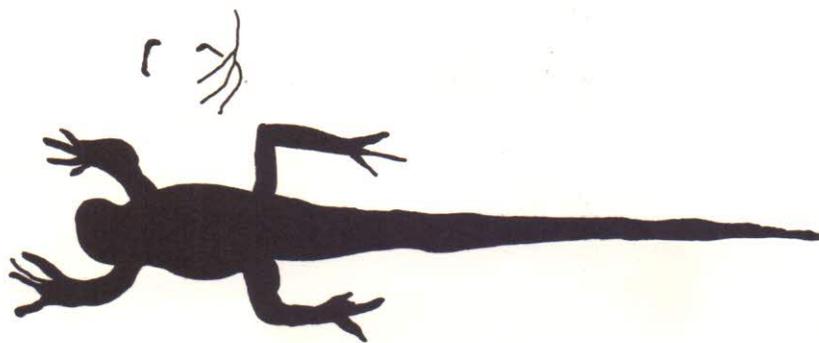


fig. 4

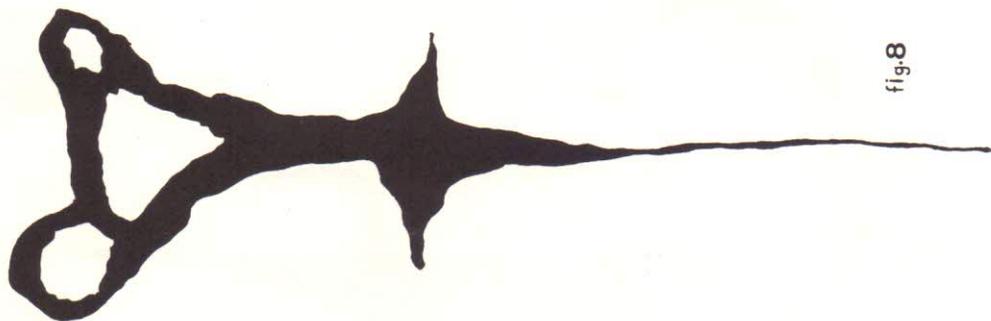


fig. 8

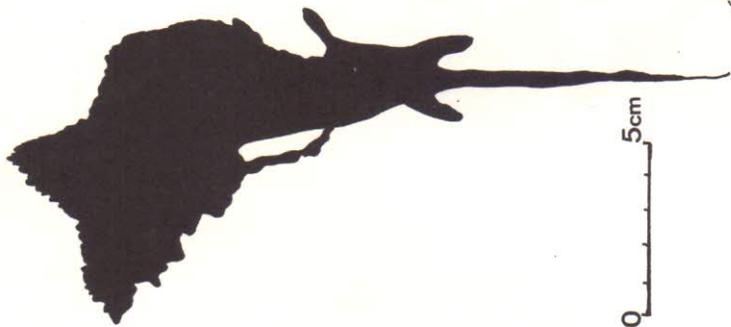


fig. 7



fig. 6

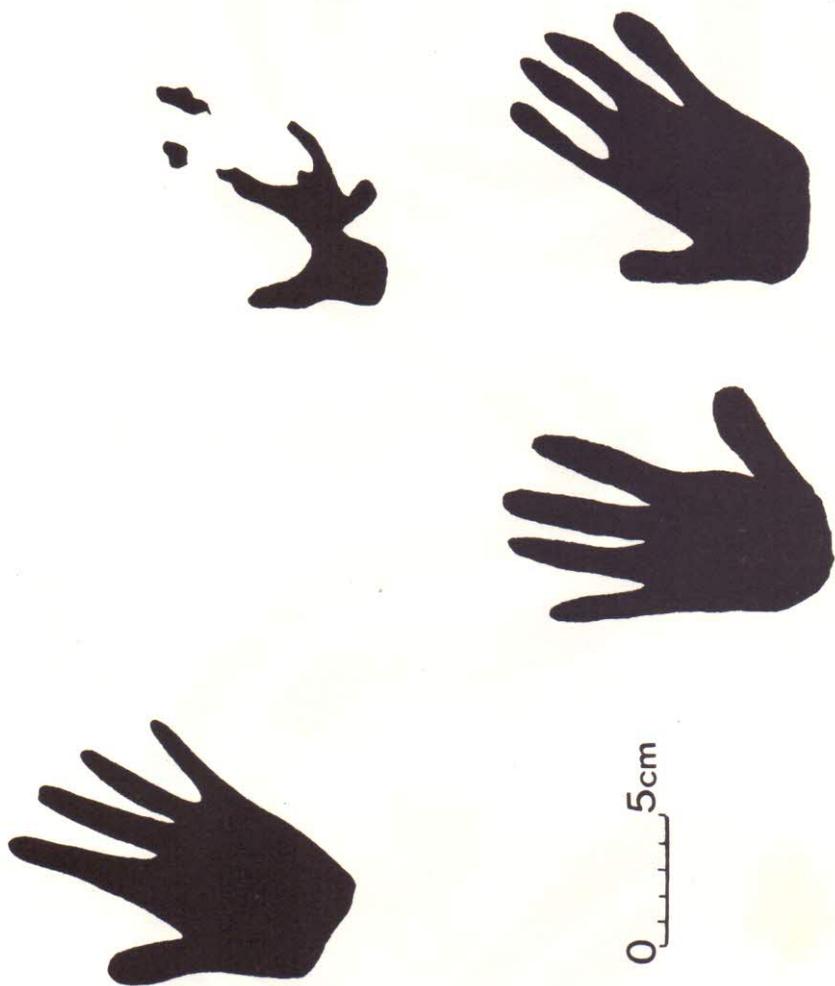


fig.9



fig.10



0 10cm

fig.11

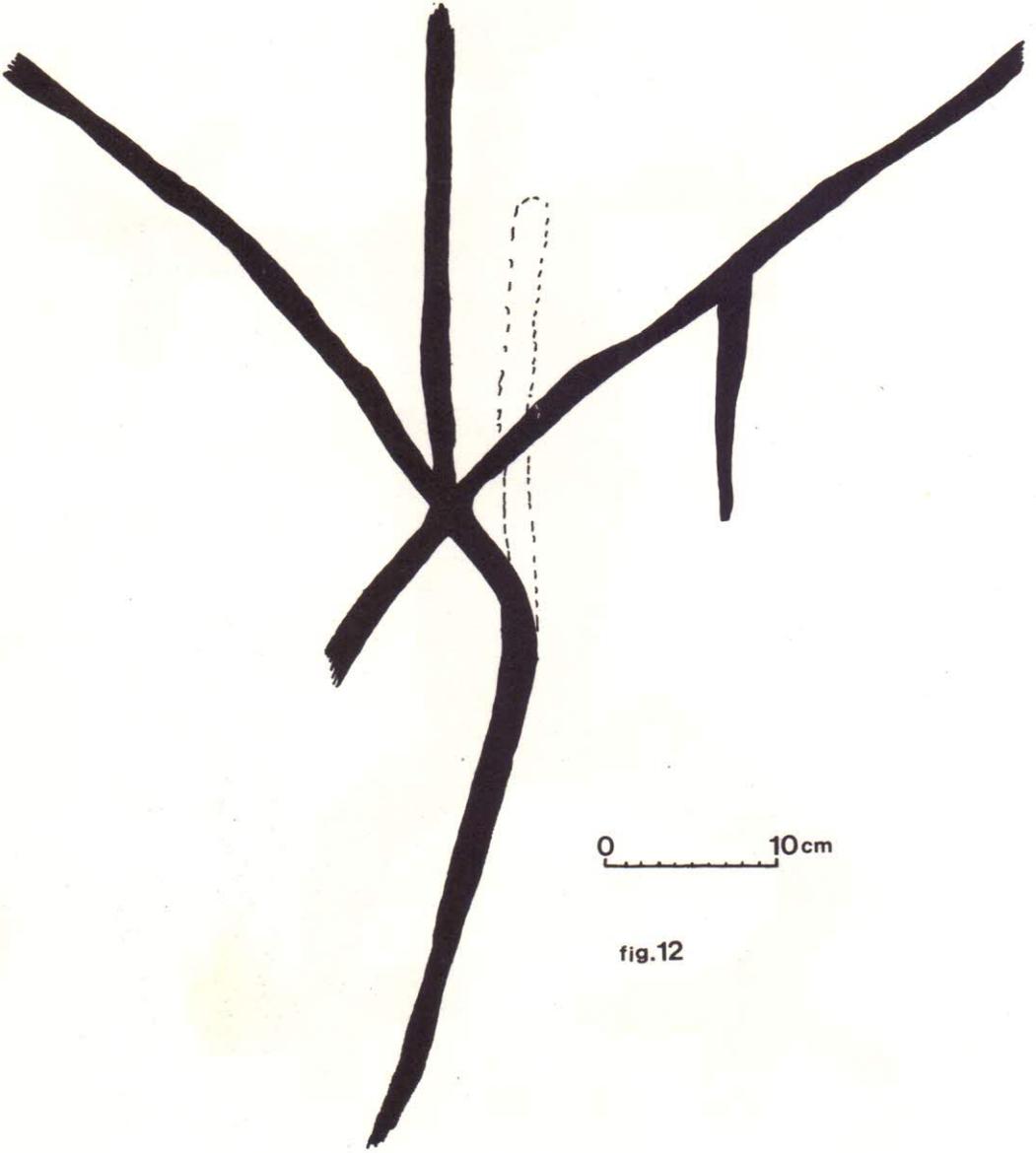


fig.12



Sítio "PEDRA DA FIGURA"



Aspecto do painel nº 1, na "PEDRA DA FIGURA"

